

Engenharia é a profissão do futuro

(LUDYANE AGOSTINI)



Probabilidade do recém-formado na área estar empregado logo após concluir o curso varia até 92%. Segundo a Ufop, há um grande déficit de engenheiros no país: faltam mais de 40 mil profissionais/ano. O aumento do número de faculdades particulares; os programas de acesso do governo federal às universidades públicas e as facilidades proporcionadas pelo Financiamento Estudantil (Fies) têm incentivado o acesso de jovens ao ensino superior. Se, no passado, a maior dificuldade era ingressar no terceiro grau, hoje o grande desafio é a escolha da profissão, aquela que irá garantir um emprego, boa remuneração e possibilidades de ascensão no mercado de trabalho. De acordo com pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), entre as profissões de maior destaque atualmente estão as engenharias, medicina, ciências econômicas e contábeis, além de administração de empresas. Ainda segundo o levantamento, a probabilidade do recém-formado que escolhe uma dessas áreas estar empregado logo após concluir o curso varia de 87% a 92%. Os salários iniciais estão na casa dos R\$ 3,2 mil a R\$ 5 mil. O estudo revela, também, a importância da especialização, já que, conforme a qualificação do profissional, as remunerações podem mais que dobrar. Para o professor da Faculdade de Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Carlos Alberto Gonçalves, este é o grande diferencial, por exemplo, do curso de Administração. "O aluno precisa investir em MBA, pós-graduação e também mestrado para estar bem posicionado no mercado de trabalho, já que, além de concorrer com o próprio administrador, esse profissional disputa vagas com engenheiros, economistas e jornalistas", explicou. Para o professor, um importante caminho que os estudantes desta área podem percorrer são os programas de trainee. "Esses treinamentos são decisivos para as carreiras dos recém-graduados, só assim eles conseguem rápida ascensão nas empresas que, na maioria das vezes, são multinacionais e ainda garantem estabilidade no trabalho", apontou. Além disso, Gonçalves disse que as oportunidades no mercado para esses profissionais são grandes, visto que podem atuar desde no departamento de finanças e marketing da empresa ao setor de recursos humanos e produção. Top of mind - No topo das carreiras mais promissoras para os próximos 20 anos está a Engenharia. As especializações em alta estão nas áreas de metalurgia, mineração, geologia e petróleo e gás, além das já tradicionais, engenharias civil, mecânica, elétrica e mecatrônica. De acordo com o diretor do Instituto Politécnico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Janes Landre Júnior, nos últimos cinco anos o número de estudantes que tentou vestibular para as oito especialidades de engenharia teve alta de 40%. "Diante do evidente crescimento da economia brasileira, já estudamos a criação de outros cursos na área de Engenharia na PUC a partir do ano que vem. A universidade tem investido em pesquisas de mercado para avaliar a demanda deste setor no país", afirmou. De acordo com ele, muitas empresas têm procurado a PUC com o intuito de recrutar talentos. "Na maioria das vezes, o aluno já sai da faculdade empregado. O mercado está muito aquecido". Para o professor, dentro dos próximos 15 anos, as possibilidades de crescimento desses profissionais são evidentes, sobretudo devido às obras de infraestrutura que serão realizadas no país. "O Brasil será, em breve, um canteiro de obras, já que, além da Copa do Mundo de 2014, ainda haverá intervenções para as Olimpíadas de 2016. Por isso, não irão faltar vagas neste mercado." De acordo com o diretor da Escola de Minas, unidade acadêmica de Engenharia da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), José Geraldo Arantes Azevedo Brito, há um grande déficit de engenheiros no país. Segundo ele, faltam 41 mil profissionais por ano para atender, por exemplo, às demandas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). "A crise econômica financeira chegou a afetar os rumos do ensino superior no ano passado devido aos convênios firmados com multinacionais, parceiras no desenvolvimento de pesquisas na universidade. No entanto, a área de Engenharia não sentiu impactos significativos, enquanto outras profissões patinaram", observou Brito.